



APORTES PARA EL SINODO

RELACIONES

Sinodalidade e Eucaristia

(Resgatar a profecia contida na celebração da ceia de Jesus)

Certamente, em nossa Igreja, um dos elementos mais necessários de revisão e de mudança é a cultura com a qual bispos, padres e comunidades tratam a Missa. Ao mesmo tempo em que a Igreja ensina que a Eucaristia é a fonte e o cume de toda a vida de fé, a forma como a Missa é concebida e celebrada, talvez não alimente mais a vida de fé de muitos irmãos e irmãs da caminhada.

As fotografias que vemos dessa sessão sinodal nos mostram um estilo eucarístico de organização dos grupos em círculo. No antigo missal romano, a oração eucarística falava em “*circunstantes*”, aqueles e aquelas que estão ao redor da mesa. De fato, a Sinodalidade poderia ser traduzida por Eucaristicidade no sentido de forma de organizar a vida baseada na partilha da vida, na comunhão fraterna e sororal, assim como na ação de graças.

Como seria importante que esse Sínodo sobre a Sinodalidade pudesse recuperar a centralidade da Eucaristia na vida da Igreja, não apenas como “costume devocional” ou “culto sacerdotal” e sim como profecia de partilha e comunhão, que torne toda a vida eucarística, ou seja, centrada na memória da Páscoa de Jesus e antecipe uma forma de organizar as relações humanas a partir de uma economia de amor e justiça.

Apesar da renovação litúrgica efetuada pelo Concílio, o que predomina no rito prescrito pelo Missal Romano ainda é o caráter sacrificial e sacerdotal. Basta constatar a disparidade entre a participação da comunidade na liturgia da Palavra e a pouca participação no momento da ação de graças e da comunhão. Na maioria das missas, o povo ainda comunga das hóstias tiradas do sacrário e não do pão consagrado naquela eucaristia. Comunga só o pão e não o vinho. O ato de comungar não tem mais nada de comunhão. Não expressa unidade. As pessoas comungam em fila, de cabeça baixa, em silêncio ou cantando músicas rituais.

Desde séculos antigos, a missa deixou de ter qualquer relação com refeição e partilha. O pão e o vinho se tornaram quase símbolos e cada vez menos valorizados. O pão se tornou partícula, uma pequena hóstia que não alimenta ninguém e o vinho é reservado apenas aos padres celebrantes.

Em sua maioria, as orações do Missal se dirigem a um Deus todo-poderoso que nada tem a ver com o Deus que Jesus chamava Abba, Paizinho. A tradução brasileira que foi feita recentemente (a terceira edição do Missal Romano em português) ainda reforçou mais uma linguagem sacral separada da vida e uma teologia litúrgica medieval que nada tem a ver com as celebrações das nossas comunidades.

Em um mundo cada vez mais indiferente em relação à desigualdade social e desligado da justiça, a celebração da eucaristia deveria, ao menos, manter a tensão entre o sinal que é dado de partilha e o desejo de que essa cultura da partilha e da socialização possa ser verdadeira, ao menos entre as pessoas que vivem a fé cristã.

No século IV, São João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, no seu comentário à 1ª Carta aos Coríntios, comenta como era a celebração da eucaristia na Igreja do seu tempo: *“Há uma situação na qual não há diferença entre quem é presbítero e quem é leigo: é quando se trata de participar nos santos mistérios. Todos somos julgados dignos dos mesmos privilégios. (...) Um mesmo corpo é oferecido a todos e todas. Todos bebem de um só cálice. Quem chegar nas nossas Igrejas verá o povo tomar parte – e parte importante – na intercessão. Todos pronunciam a mesma oração, cheia de compaixão. No beijo da paz, todos nos abraçamos. Por que ficar espantado, quando o povo mistura sua voz com a do padre? Digo isso para que cada fiel seja atento e saiba que todos formamos um só corpo. Só nos diferenciamos como um membro do corpo pode diferenciar-se do outro. Progridamos juntos, porque isto nos leva a maiores ocasiões de salvação e aumento da caridade. Nenhuma fumaça de orgulho ou complexo de inferioridade em relação aos outros. Quem tem o primeiro lugar assume mais cansaço e mais responsabilidade e não honras. É necessário que, na Igreja, sejamos como uma única casa. Que todos sejam um só corpo”*¹.

O que diria esse bispo se viesse hoje a uma eucaristia paroquial?

O memorial da ceia de Jesus deveria se situar na linha do que Ailton Krenak chama de “futuro ancestral”². É a memória perigosa do que Jesus apontou como futuro possível, a comunhão universal e partilha, para recuperação da utopia que nossos/as ancestrais nos apontaram. Nesta mesma perspectiva, os indígenas Aymaras costumam dizer: “O presente já é passado. O futuro está na ancestralidade”.

Na década de 1990, Bastiaan Wiellenga, pastor luterano holandês que viveu inserido com o povo pobre na Índia, escreveu: *“A memória é um fundamento da fé bíblica, e, suponho eu, de todas as tradições culturais e religiosas em favor da vida. De maneira significativa, o hebraico chama passado aquilo que está “na frente” (lifne) e futuro o que está “atrás”, do outro lado (aharon). Sua fé, muito voltada para a esperança, implica em uma caminhada recuando para o futuro”*³.

Documentos recentes do Vaticano continuam a ver nos sacramentos apenas a matéria e a forma. Preocupam-se mais com a validade jurídica do que com a comunicação da esperança

¹ CRISÓTOMO, João, **Homilia sobre 1 Cor.** P.G.col.527. citado em TEXTES SPIRITUELS, n34, Abbaye de Tournay, France, 1976, p.118.

² - Cf. KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

³ - WIELLENGA, Bastiaan. **Reorientar nossas esperanças?**, in *Cadernos Fé e Política* 11, 1994, p. 19.

que poderiam encerrar. Contentam-se com o que é arcaico, que tentam mecanicamente reproduzir e não percebem a diferença entre o arcaico e o ancestral.

Qualquer pessoa minimamente informada poderá constatar que experiências de inculturação litúrgica que até os anos 1990, ainda podíamos fazer, atualmente seria absolutamente reprimida.

Mesmo se temos em Roma um profeta como o papa Francisco, em nossos dias, a Igreja Católica vive um inverno rigoroso e tempo de profunda secura espiritual. Em alguns aspectos, pelo fato de que essa cultura de volta à Cristandade e a um Catolicismo devocional raso, nas paróquias e mesmo em capelas de base, talvez a situação seja mais grave do que nos tempos de João Paulo II e Bento XVI. O conservadorismo eclesial e litúrgico espalhou-se pelos mais diversos ambientes eclesiais.

Graças a Deus, mesmo em meio a tantas dificuldades, cada vez mais aumentam os grupos eclesiais que celebram o ágape ecumênico e a comunhão como expressão amorosa de ação de graças e partilha e de forma que priorizam a profecia da justiça amorosa de Deus no mundo.

De acordo com documentos da Patrologia, no século III, a comunidade cristã mártir de Abilene, no norte da África, respondeu ao imperador Diocleciano que lhes tinha proibido de se reunirem para celebrar a eucaristia nas vigílias de domingo. Aquela comunidade teve coragem de responder ao imperador romano: “*Sem a celebração do domingo, não podemos viver*”⁴.

Só posso agradecer que o Espírito suscite, hoje, mesmo em meio ao ambiente eclesial não favorável, essas formas novas e mais sinodais de celebrações laicas do memorial pascal de Jesus na ceia. Para isso, peço emprestado um verdadeiro salmo de um grande poeta que intitulou o seu poema como Bênção:

*Não tenho a anatomia de uma garça
pra receber em mim os perfumes do azul.*

Mas eu recebo. É uma bênção.

Às vezes, se tenho uma tristeza,

as andorinhas me namoram

mais de perto.

Fico enamorado. É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro

para que se tornem peregrinos do chão.

⁴ - Cf. Martyrologium Romanum (Libreria Editrice Vaticana, 2001 ISBN 88-209-7210-7)

Eles se tornam. É uma benção.

*Até alguém já chegou de me ver passar a mão
nos cabelos de Deus! Eu só queria agradecer"*

(Manoel de Barros).